

FANTOCHES



SUMMARIO

O MINISTERIO DO ENTRUDO—COCOTIES, SERPENTINAS E CONFETTI—OS MINISTROS DO SR. BODESPERROT—NO CHICO PE S. BENTO.

MEPHISTOPHELES E O SR. CARREIRA—A CAMELIA DA JUSTIÇA E A PANDURETA DO FOMENTO—UMA PERSONAGEM FUNEBRE NO MEIO DA FOLIA—E MONABERICO O SR. MINISTRO DA INSTRUÇÃO??

UMA EDIFICAÇÃO ÀS PORTAS DE LISBOA—AS SALAS HISTÓRICAS DO CORREIO MÓR—O PADO DA NEVEIRA E A FADISTA—A INTERNACIONAL E AS GADEIAS.

N.º 4

Preço avulso 20 réis

Numeroz atrazados 40 réis

Lisboa 19 de fevereiro de 1914

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao DIRECTOR e EDITOR **Rocha Martins**

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E DEPOSITO
LIVRARIA VENTURA ABRANTES
80, Rua do Alecrim, 82—LISBOA

Propriedade da empresa dos «FANTOCHES»

Composto e impresso na **IMPRENSA PROGRESSO**
Calçada S. Francisco, 23—Lisboa

Rocha Martins

N.º 4

FANTOCHES

Notas semanaes sobre os acontecimentos
políticos

19 de Fevereiro de 1914

SUMMARIO

O MINISTERIO DO ENTRUDO — CUCOTTES, SERPENTINAS E CONFETTI — OS MINISTROS DO SR. ROBESPIERROT — NO CIRCO DE S. BENTO.

*

MEPHISTOPHELES E O SR. CABREIRA — A CAMELIA DA JUSTIÇA E A PANDEIRETA DO FOMENTO — UMA PERSONAGEM FUNEBRE NO MEIO DA FOLIA — E' MONARCHICO O SR. MINISTRO DA INSTRUÇÃO?!

*

UMA BORGIA ÀS PORTAS DE LISBOA — AS SALAS HISTÓRICAS DO CORREIO MÓR — O FADO DA SEVERA E A FADISTA — A INTERNACIONAL E AS CADEIAS.

Director e Editor — ROCHA MARTINS

Propriedade da empresa dos Fantochoes

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E DEPOSITO LIVRARIA VENTURA ABRANTES
Rua do Alecrim, 80 e 82 — Lisboa

Composto e impresso na IMPRENSA PROGRESSO
Calçada S. Francisco, 23, Lisboa

Nota

Nunca este semanario teve tanto uma razão para o seu titulo. O ministerio que propositadamente aguardámos em silencio durante a sua formação e nas complicações da crise resolvida d'uma fôrma extranha, surgiu. É um gabinete guinbolesco de titeres que o sr. dr. Bernardino Machado move e por detrás do theatro entreve-se outra mão puchando os cordeis do titereiro do acaso. E essa mão é a que durante tanto tempo ameaçou o paiz,

Os jornaes contam que o ministerio ao chegar á Camara dos Deputados teve um momento de hesitação em entrar. Alguns dos mais esturrados opposicionistas imaginaram ser aquillo por medo d'elles, os ambiciosos sonharam com crise e o sr. Brito Camacho julgou que o chefe do governo ia largar pela ladeira até ao Tejo a atirar-se á agua para lhe dar prazer visto não ter naufragado o paquete onde viajara conforme os desejos do Mafoma unionista expressos ha tempo na *Lucta*.

Houve, porem, quem muito mais calmo e menos devotado aos lances tragicos pensasse que o sr. Bernardino Machado tivesse vindo até ali para, com o seu ar grave de pae nobre e com o seu authomatico cumprimento, participar serenamente á Camara o seguinte:

«Meus senhores volto para o meu exilio dourado do Rio de Janeiro onde até os moleques me saudam e as creadas me adoram. Regresso... Vou para lá... Decerto já sabem as razões...

Os senhores deputados da esquerda fingir-se-hiam surprehendidos e elle diria:

«E' que não consegui formar um ministerio extra partidario. E eu detesto os partidos... Sou um homem de paz... Senhores deputados... Eu sou o padrão do pacifismo...

Mais duas reverencias e s. ex.^a sahiria com o ministerio atraz.

O paiz agradecido bateria palmas e s. ex.^a teria o consolo de vêr que d'ahi por diante haveria quem o cumprimentasse primeiro que a sua mão lesta e adextrada movesse o seu chapeu.

Mas não foi nenhuma d'essas a causa d'aquelle esboçado movimento de recuo. Não, não foi absolutamente não foi.

E' que o chefe do governo esperava uma manifestação. E' necessario dizel-o para que não se perca o detalhe d'essa esperança que enchia a sua alma. Durante uns momentos teve ainda a visão que das galerias, das tribunas, de todos os lados da Camara choviam serpentinas encarnadas e verdes, confettis multicolores, toda uma alegre e iriada metralha jogralesca emquanto vozes de falsete, no mais grotesco, no mais comico dos tons, gritavam:

Bem te conheço... E's o Affonso!..

A mascara celebre do sr. dr. Bernardino começaria, como nos quadros da metempsychose da feira d'Alcantara a esmaecer, a sumir-se para em vez da sua pera branca á presidente Carnot apparecer uma pera preta á diabo de magica; em lugar da sua luneta surgir o *lorgnon* com que o ex-presidente do conselho parodia Pombal e substituindo o seu tradicional sorriso vêr-se o *tic* nervoso com que o chefe democratico assiste ás catalinarias.

—Bem te conheço!. E's o Affonso!..

E o povo nas galerias jogando as suas serpentinas, os seus bouquets, o seu confetti riria da metamorphose alegre, do violento beirão de Ceia a nascer do doce, do infavel, do calmo amigo das hervas, das creancinhas e das aves. Seria como se d'um santo Ignacio pinchasse um diabo.

Nunca se imaginara disfarce mais completo.

Aquella hesitação foi por isso.

O ministerio é do Entrudo e como tal só até ás cinzas deve durar.

Quando os ultimos patuscos salpicados de lama, os narizes de papelão amollecidos pela chuva, as boccas saburentas sahirem das esquadras para a Boa Hora o ministerio deve coherentemente sahir do Terreiro do Paço para o olvido.

Memento homo quia pulvis est et in pulverem reverteris, di-rão os padres nos tempos em voz tremula com receio dos carbonarios e o sr. dr. Bernardino Machado, lembrando-se que o seu gabinete nasceu em vesperas de carnaval como gerado do pó

de talco, sentirá que deve recolher-se ao pó dos archivos onde o irão desenterrar alguns gandaeiros da historia, d'aqui a um tempo, para lhe atarem á reputação esta legenda:

O Ministerio do entrudo!..

E se com a sua grande vontade de não dar desgostos — e sabe-se como o sr. dr. Affonso Costa soffreria — o actual presidente do conselho não se sentisse proximo do fim o paiz o advertiria.

Foi este ministerio a cégada que a Republica offereceu ao povo para o fazer esquecer das tragedias das grêves, dos carceres atulhados, da fome, da emigração, a farça ignobil em que Homero é o protogonista, Scevola o titereiro que move esse fantoche sinistro e as victimas aquelles que em longos captiveiros soffrem extranhamente.

Ministerio do entrudo não pode todavia despegar-se de todo da ama que lhe deu o primeiro alento: o partido democratico. D'ahi a sua acção, d'ahi a sua amnistia ridicula, d'ahi os dizeres dos seus membros n'aquelle primeiro spectaculo carnavalesco que se pode intitular:

«Os ministros do sr. Robespierrot».

Ao abrir do panno, n'esta hora em que já pelas janellas dos bairros chinfrins as meninas casadoiras nos atiram com bolas aos chapéus e espreitam a nossa passagem para baterem os tapetes, o nosso amigo Thomaz Cabreira estreia-se como ministro.

Em pleno senado os senhores da opposição intrigam-no como n'uma folia larga de gente delicada.

—E' verdade que vae pôr agora em pratica as suas ideas?! E' certo que vae tratar das questão da contribuição predial...?

Um *pierrrot* atrevido, rindo, batendo-lhe no hombro não fazia a cousa por menos.

E era toda a sua larga defeza dos proprietarios quando a formiga branca accumulada no largo das Duas Igrejas não os deixara ir ao parlamento, era toda a idealisação das seus systemas que tinham feito zangar o chefe democratico e o seu órgão onde então se chegou a piadear o nosso amigo que se no seu club é, como dizem, pela borga, no Directorio é contra os Borges.

Thomaz Cabreira mais nervoso que diante d'uma mulher sorridente para a sua delicadeza, mais cortez que ao acompanhar uma beldade ao automovel, ia retorquir quando outra voz, a d'alguem salsa perdido no baile do Senado, interrogou:

—E a respeito do jogo. .? Ainda defende a regulamentação do jogo com a mesma furia d'outr'ora...?!

Na meia luz da galeria passou como uma sombra esguia a crescer para o tecto e iamoz jurar ter visto a pluma de Mephistophles e ouvir o seu riso escarninho.

Sempre acontecem ás vezes cousas nos espectaculos carnavalescos! Ha annos foi uma alegre mascara que cahiu morta no canto d'um theatro apertando ainda no sua mão a bisnaga vazia, agora, ali n'aquelle scenario, na semana carnavalesca, era aquelle riso a gelar, aquella pluma, a barbicha caprina vagueando no alto.

O pobre ministro foi então dizendo que não abdicara das suas ideas. A contribuição predial. Pois não... Sim senhores... Não haja duvida mas ..

E a plateia suspensa dos seus labios via já o inicio da reforma e Affonso Costa, tão contrario a ella, levando mais esse choque formidavel.

—Mas não se pode tocar na lei por enquanto — concluiu o ministro com ar triumphante para desde logo acrescentar: E o jogo?! Oh! o jogo?!... Pois não...

Todas as amarguras, os aborrecimentos, as horas tristes do seu club fechado lhe passaram pela imaginação, todas as suas promessas, todas as suas ambições de vêr satisfeitos esses excellentes rapazes da bohemia dourada que embirram com a policia diante d'uma mesa de *bacarat*, o alancearam: O jogo!... Pois não... O jogo... Eu não abdicó das minhas ideas mas...

De novo a plateia applicou o ouvido; vozes de falsete soaram uma velha de capote e lenço passou a fungar a sua pitada e o nosso pobre amigo largava a sua ultima resposta:

Oh! mantenho a minha opinião... Mas não posso ressuscitar esse facto, esse caso que apaixonaria a opinião publica em excesso...

Lá em cima a sombra negra tornava-se maior, as duas plumas vermelhas do gorro pareciam crescer, a risada soava agora fortemente, distinctamente e com um olhar de braza esse Mephistopheles de baile de mascaras tirava o *loup*.

Era o sr. Affonso Costa.

O sr. Thomaz Cabreira, coberto de suores frios como se acabasse de marcar o mais sensacional *cotillon*, comprehendeu então tudo.

O chefe democratico fizera-o ministro, dera-lhe uma pasta, elevara-o mas exactamente como se diz que um interdicto é rico. A interdição d'um filho familia não lhe dá o direito de mexer na fortuna; a interdição do ministro não lhe dá o direito de tratar as questões que ama.

Mas o peor — Mephistopheles continuava a rir — é que a esperança dos proprietarios, toda a sympathia que podiam ter por Thomaz Cabreira senador evolou-se como o fumo do ultimo *punch* de que tomou Cabreira ministro.

E com a sua espada torcida e com o seu riso torcido o chefe democratico atirando fóra a capa de Mephistopheles pôz o avental de magarefe:

Mais um para a morte...

Não é de balde que se faz opposição ao sr. Robespierrot....

Eis a moralidade da peça...

E' que elle mesmo brincando inutilisa.

Entram na scena comica da cégada carnavalesca, afóra outras figuras como o sr. ministro do fomento affonsista, esguio e saltitante pandeireta da tuna academica ha alguns annos, conforme os contemporaneos affirmam ao fallarem-lhe dos talentos, o sr. ministro da justiça democratico que quando governador civil de Braga ia ás soirées de policia atraz conduzindo-lhe uma camelia afim de não a fanar com o peso do sobretudo, levando-a o guarda presa como se fosse a *Rosa Engeitada* ou a *Micas Saloia*. São creaturas da comparsaria por consequencia. Mas ha tambem uma personagem tragica.

Em quasi todas as revistas vem uma scena grave paralyse o riso. Aqui a personagem é o sr. ministro da guerra; a scena o caso de 27 d'abril.

O general sr. Pereira d'Eça foi companheiro de Mousinho de Albuquerque, seu condiscipulo até, e naturalmente n'um largo desabafo da mocidade, com impeto, affirmava: Se um dia vier a republica, quebro a minha espada, rasgo os meus galões...

A republica veio e como tantos outros militares assanhadiços e palavrosos o sr. Pereira d'Eça só deu pela sua chegada quando assignou o seu novo juramento de fidelidade no quartel general.

Os tempos decorrem; um bando d'officiaes que a si proprio se intitidou Joven Turco e teve decidida influencia no governo provisorio, tomou o sr. Pereira d'Eça sob a sua égide. Esse grupo é devotado ao partido democratico. O golpe d'estado preparado para elevar o chefe d'essa facção ao poder falha, a acção desvirtua-se e assim como Scevola arranhou o 21 d'outubro de cumplicidade com Homero, assim alguém fomentou o 27 d'abril.

Quando se trata d'instaurar os processos aos reus republicanos, alguns officiaes que tinham combatido na revolução, é o sr. Pereira d'Eça a pessoa de confiança que se chama¹.

Dia a dia, hora a hora, com uma paciencia d'aranha, palpita, prescrua, analysa, insinua-se e abre-se para essa gente ignominiosamente, n'uma cilada perfida do sr. Alfonso Costa, o presidio d'Angra. Durante longos mezes os officiaes que se tinham devotado á republica gemem em masmorras, sem soldo. O capitão Lima Dias chega a não ter com que comprar cigarros, o general Guedes vê-se obrigado a lavar a propria roupa; o capitão de mar e guerra Andréa vive na penuria, o tenente Pimentel, um heroe da Rotunda, teve que se servir da roupa que n'uma fraternidade estreita lhe emprestou um dos officiaes do *Cabo Verde*. Em Lisboa o general Pereira d'Eça vae sendo *persona grata*, depois de representar o mais odioso dos papeis em relação áquelles prisioneiros.

A paga de todo este processo foi a pasta da guerra.

Mais um que n'essa mascarada, ao despir a farda de general

¹ Elle, ao interrogar o general Guedes, ora internado no presidio penitenciario da Trafaria, censurou-o por querer uma «republica progressiva e honesta», enquanto o sr. Eça apenas a queria «conservadora», disse, por ser a que mais garantiria os interesses d'elle general Guedes, os interesses attribuidos ao commandante Andréa, ao capitão Lima Dias e ao tenente Lobo Pimentel, ora presos e tambem por elle interrogados, fortemente insinuados, por tal fórma que estes suppostos delinquentes politicos tiveram que lhe retorquir energicamente e devolver as insinuações.

A ponto chegou o seu facciosismo que ao reduzir a auto as declarações dos mencionados prisioneiros e d'outros, transformou e lançou á conta dos interrogados as asserções e confissões, que ingendrara, mas de maneira tão compromettedora que chegou a levantar conflictos, nem assim demoveedores de seus encommendados e promettidos propósitos. E, ou ignorante da lei ou perfido, coagiu e amedrontava os arguidos, por artes perfeitamente jesuiticas e inquisitoriaes, já prohibindo que olhassem sequer uns para os outros, em acerações, já convencendo-os de enba laerações, de suppostas confissões de terceiros.

diante da camara no dia da autopsia, ha de provocar tambem o brado com que as galerias saudam o sr. dr. Bernardino:

— Bem te conheço... E's o Affonso!...

E temos assim o chefe do governo, o ministro das finanças, o da guerra, o do fomento, o da justiça, nas mãos do ex-presidente do conselho que do seu escriptorio d'advogado continua a puxar os cordeis a estes titeres nascidos para o poder com o Carnaval.

Do ministerio do entrudo escapam á sua influencia os titulares da marinha, das colonias e da instrucção?!

O ministro da marinha entrou com o seu ar mais marcial d'engenheiro hydrographo no gabinete e mandou desde logo, estando ainda o decreto que o nomeava em provas, pôr todos os navios de prevenção. De ha muito que s. ex.^a não ouvia o toque de cornetas, o tinido d'armas, o som dos passos das patrulhas. Os seus camaradas nunca tinham dado pelo poder em incubação na sua pessoa. E então, para se fazer lembrado, mandou a prevenção. Para um ministerio d'entrudo ninguem usaria a artilharia mas sim a seringa, ninguem ergueria a escopeta mas sim o ovo com cinza, ninguem atacaria a tiro mas com sulphídrico. A prevenção foi pois um vaidoso exhibicionismo. No quartel, nos navios, na escola de torpedos, quando a ordem soou os tenentes, os sargentos, os simples marujos exclamaram entre ironicos, aborrecidos e raivosos;

Eis o Neuparth!... Chegou!...

E o sr. Neuparth teve n'armada a celebridade d'aquella noite.

Chamou assim as atenções. Por detraz da sua pessoa vae-se approximando com a mascara mephistophelica de baile carnavalesco o sr. Affonso Costa.

O sr. ministro das colonias parece que se metteu n'uma aventura escabrosa. Os productos coloniaes são indigestos e muito cubiçados. Ambaca é um phantasma errando na penumbra do partido democratico e Ambaca, como um duende reaparecerá.

Então veremos se o ex-chefe do governo tem para o sr. Lisboa Lima o seu sorriso tróicista ou a sua expressão prometedora.¹

¹ Eis uma scena ácerca da questão d'Ambaca que evidencia bem como os fantoches ministeriaes são movidos. O sr. ministro das colonias parece que usará da palavra sempre que for necessario mas como os automatós que abrem apenas a bocca e só guincham quando se lhes aperta a respectiva mola.

O sr. Vasconcellos e Sá (evolucionista) com vigor: — Este governo é um go-

Na pasta da instrucção não ha politica — declara-o o respectivo ministro — e assim deve ser.

Para demais dias antes de subir ao poder o sr. dr. Sobral Cid, ex-governador civil com Hintze, dizem-nos, era ainda monarchico. Teria mesmo, diante da vaga repulsa d'algum, affirmado no Chiado as suas convicções. Pode continuar a mantel-as. Nas republicas decentes os ministros monarchicos que as serviram provaram bem.

Mas certamente apparecerá o demonio a tental-o e ou se convence ao democratismo que já contaminou o ministerio d'entruído ou então sumir-se-ha.

E' o que apezar do seu tom carnavalesco, dos passos de dança do nosso amigo Thomaz Cabreira, das piruetas e da pandeireta do sr. ministro do fomento, da camelia subversiva, a ponto de andar na mão da policia, do sr. ministro da justiça, da doçura do sr. presidente do conselho, das balofas prevenções do sr. ministro da marinha, da metamorphose de velho monar-

verno extraordinario! Trata-se de responder, dá meia resposta; trata-se dar a amnistia, dá meia amnistia! E' tudo por meias dózes, tudo por subterfugios.

O sr. **Presidente do Ministerio** um pouco agastado: — Eu tenho a dizer a v. ex.^a que nunca fujo ás discussões nem ás responsabilidades! Não sou homem que fuja e v. ex.^a sabe isso muito bem! De resto, o sr. Ministro das Colonias usará da palavra sempre que fôr necessario!

Vozes da direita: — Mas v. ex.^a não deixa!

O sr. **Vasconcellos e Sá** (evolucionista) estima ser interrompido e especialmente pelo sr. Bernardino Machado por quem alimenta grande sympathia e respeito, mas desejava ouvir o sr. Ministro das Colonias.

E, depois, em tom de rogo enternecido: — Ande, sr. Bernardino Machado... Ande, sr. Presidente do Ministerio, pela sua saude, pela sua familia, pelos seus bons sentimentos, pela sua boa sorte, dê licença que o sr. Ministro das Colonias que ali está nas cadeiras do Poder, diga o que pensa d'esta immoral e já celebre questão d'Am-baca!

A estas palavras que provocam hilariedade, responde o sr. **Presidente do Ministerio**: — Faça v. ex.^a uma pergunta concreta que diga respeito á Pasta das Colonias e o respectivo Ministro responderá!

— Mas como, se v. ex.^a de vez em quando mette uma rolha na bocca do sr. Ministro das Colonias? — interroga o sr. Vasconcellos e Sá, no meio da gargalhada geral.

O sr. **Camillo Rodrigues** (evolucionista) n'esta altura, indignadamente acusa o governo de ter a sua opinião compromettida e andar a fugir a responsabilidades. Entre o sr. Vasconcellos e Sá e o sr. Bernardino Machado trocam-se phrases energeticas.

— Nós só intervimos n'este assumpto consultivamente — exclama o sr. **Presidente do Ministerio**, sabindo um pouco da sua amavel serenidade habitual para logo a ella voltar — tanto mais que entendo que não devem preterir-se questões constitucionaes!

— Afinal o que se vê — torna o sr. **Vasconcellos e Sá** — é que o governo não tem uma ideia sobre este assumpto que pôde custar ao paiz a brincadeira de 5:400 contos!

Trecho da sessão da Camara. («Diario de Noticias».)

chico rigido em pachá de Jovens Turcos, d'esta dança d'entrudo ha no fundo a nota terrivel da seita: ha o crê ou morres jacobino. . . E quem não crê. . . morre.

E' necessario que ao apparecer a cêgada toda a gente diga: Olha. . . Bem vos conhecemos, sois do Affonso.

E isso está certo. Este ministerio d'entrudo é a muda do outro; esta reunião de comicos é a continuação da tragedia da baixa politica e da alta policia.

Durante o entrudo reinem. Depois. . . Já se sabe que não se admittem mascaradas alem do Carnaval.

As pseudo democracias liquidam sempre em exaggeros. Fazem-nos nas leis; fazem-se na vida intima.

Depois de uma bachanal sangrenta a França assistiu ao resuscitar das travessas scenas cupidineas nas salas do Luxemburgo.

Barras, o director, antigo jacobino, regicida, accusador do luxo da realeza, dos amores attribuidos á rainha, das pompas de Versailles, teve a sua côrte d'agiotas, de jornalistas crapulosos, de auctoridades feitas á sua vontade; inaugurou as recepções dispendiosas do palacio directorial e os deboches galantes do pavilhão de Bel-Air.

Gosador como o duque de Lauzan o republicano, com o seu sequito de funcionarios, militares, fornecedores enriquecidos á custa das desgraças dos soldados, cercado de parasitas de toda a casta cingia a Talien despida como uma Diana, arrastando todos na sua formosura fatal. Com a Nossa Senhora do Thermidor iam, com os seus trajos de romanas, com as suas tunicas de vestaes, n'uma ironia, n'um transbordar voluptuoso de cortejo mythologico as cidadãs Hainguerlot, Hamelin, de Navailles, a Saint Fargeau e Josephina de Behaurnais com o seu picante rosto de creoula ardente. Dormiu com Hoche um heroe, com Hypolite um subalterno, com Barras um debochado. Vae ser imperatriz.

Fréron o jacobino feito o mais rebuscado dos peraltas, Trénis, o dançarino, Garat ex-embaixador, incrivel dos incriveis, formavam a côrte no Luxemburgo e eram os convivas das bacheanaes no pavilhão dos suburbios. É a Regencia do Terror. Imi-

tam-se as estroinices aristocraticas de Lausan sem se perder a linha. Se cahem com as libações teem creados de libré que os aparam nos braços, se cahem nos collos das mulheres, ellas teem a graça e o espirito a coroal-as, são esplendorosas semi-cortezãs que calçam o cothurno grego e espalham petalas de rosas nos leitos onde se deitam. Sobre os seus seios d'alabastro fuzilam joias, nos seus olhos concuspiscencia, nos seus cerebros ambição. É o vicio galante nascido do contacto dos corpos nas ante-camara da guilhotina; é a furia do goso gerada na crosta de miseria que esses jacobinos pretendem esgotar na imitação dos deboxes palacianos da Regencia.

O Directorio passou queimado n'um punch colossal ateado o seu fogo com todas essas rendas, com todos esses perfumes, com todas essas delapidações. O pavilhão de Bel-Air se pertence á historia é apenas como o pavilhão de Mayerling.

São logares de goso onde personagens com responsabilidades se abandalharam como Barras ou succumbiram como o principe Rodolfo; são como quartos de restaurants de prostitutas envolvidos n'um vago mysterio; são residencias de noite onde se imita o deboche de baixo imperio mas com a galantaria de quem usa luvas perfumadas.

*

O pavilhão de Bel-Air da nossa cohorte victoriosa não tem nas convivas — ao que insinua um jornal — nem as linhas patricias das Beauharnais nem a formosura poderosa da Tallien embora o logar seja todo belleza n'um enquadramento de tradição.

Bel-Air era um pavilhão de caça; o Correio Mór é uma quinta historica. Barras e o seu sequito ouviam trechos de Gluck olhando as lindas mulheres; o sr. Affonso Costa e os seus convivas escutariam o fadinho trauteado deante do brazão dos Mattas — tres mattas floridas em roquette e por cima o elmo aberto — da boca da Chica Fadista ou da Maria dos Caracoes saudosas das viellas e com um brilho de chartreuse nos olhos provocantes.

Em volta os azulejos com a historia da vida humana rebrilhariam ao luar que entraria pelas grandes varandas por onde iria o perfume dos vastos laranjaes, ouvir-se-hia a agua cantar

na fonte da Samaritana, no patamar da vasta escadaria, borbullhando na sua concha inteiriça de marmore. Trinariam as guitarras, as mulheres escapas n'essa noite aos galfarros da policia ensaiariam as vozes. ¹

Em Belem o chefe do estado esperava que o chefe do governo demissionario ali fosse áquella sala João V, toda branco e ouro, tratar ainda da crise na hora angustiosa em que por sua teima as prisões estavam atulhadas, as familias dos encarcerados soluçavam e dentro em pouco em bando, povo, aristocratas, almas portuguezas, iriam a Belem clamar pela amnistia, as mães mostrando as creancinhas cujos paes jazem nas casas mattas dos fortes, os operarios pedindo liberdade.

Seria então o final do jantar no Correio Mór, servir-se-hia o champagne, o aroma do café faria entreabrir as narinas no começo d'aquella digestão ebrifestiva sob os tectos apainelados, em frente das hobreiras de marmore côr de rosa que viram passar as grandes damas da côrte da duqueza de Mantua, as casacas dos peralvilhos do tempo de D. João V, os buces empoados do intendente e agora veriam alguns dos mais exaltados jacobinos em torno do seu chefe, responsavel de quem se esperaria a gravidade do cargo e escutariam a voz retinante da Chica Fadista:

*Se vires a mulher perdida
Não a trates com desdem
Ai que apesar de pervertida
Já foi honrada tambem.*

Não seria bem o minuete de Gluck nem as scenas da Regencia do Terror; seria uma patuscada d'um Marialva pé fresco com algumas hetaíras de baixa extracção.

Na antiga sala d'espera cujo brazão diz *Ave Maria* a creada-

¹ A grandeza olympica do Cezar de entremez que p'rá ali impou á solta, ludibriando a confiança do Povo, faltava o concurso das *bacchantes* da travessa dos Vinagres ou da rua do Capellão.

Pois não passará á historia sem esse complemento de grandeza. Foi em Loures, no celebre jantar de commemoração do dia 28 de janeiro — alli na Quinta do Correio Mór, que as fraldiqueiras rebolonas e saias lhe cingiram — a Elle — a corôa dos triumphos facéis.

E ainda bem, pois que assim o famoso conjurado de 28 passará á historia com o tornozello preso a um *bidet*, como convém.

gem escutaria e n'aquelle primeiro entorpecimento da gente bem alimentada, ao bebericarem-se os licores, depois da saudação aos que em 28 de janeiro se deixaram prender e aos que de dentro da prisão foram bem falhos de grandeza moral, a voz da mulher continuaria nasalada a narrar as suas desventuras como se fizesse um requerimento ao ex-governador civil que puxando a barbicha a escutaria embevecido, como se atirasse um remo-que aos gentis militares jovens turcos perdedores de damas e que ao lado do ex-chefe do governo accenariam lentamente no compasso do fadinho:

*E dos braços da desgraça
P'ra mesa da alatoínia*

Depois toda a sua miseria, todos os horrores da sua vida como a tentarem á piedade a alma marcial do sr. Correia Barreto ou a algibeira recheada do sr. Freitas Ribeiro.

Bateria em cheio a lua no grande tanque da quinta, alguns convivas iriam debruçar-se na varanda olhando a massa negra das oliveiras e ulmeiros da avenida, ouvindo latidos de cães acordados nos casalejos:

Não a trates com desdem

Drin... Trin... Drin... Trin... Drin... Trin.

Na sala dos azulejos uma primavera coroada de rosas pareceria córar á luz das bugias; o inverno aqueceria deante da perna roliça que uma das mulheres de sapato afiambrado atiraria para sobre uma cadeira vazia fumando uma cigarrilha e piscando o olho ao fumo, aos apóstolos e aos eremitas que nos rodapés oram e meditam.

Pelo parque, junto das cascatas derruidas, onde ainda sombras de marmores alvejam, as figuras d'Arlequim, Polichinello, Tagligantono, a airosa Colombina, o façanhudo Capitão que a mão delicada do italiano ao lado de Mateoli ali assentou, tudo aquillo acordaria sob as ramarias ante a nova quadra que a mulher atiraria ao estuque dourado da sala enfumarada:

*A bocca da minha amante
E' uma flór delicada*

Os convivas bateriam palmas; aquella folia soaria alto na noite avançada.

Lisboa estava longe; a politica eram elles como em Roma com Nero era uma decuria de ambiciosos, como em França com Barras era uma esquadra de gosadores, como em Portugal com Affonso VI — eram os *petiscantes* — a fadistagem que o defendia de navalha aberta.

*

Por vezes um eternecimento vindo da bebida, das excitações, d'aquella atmospheria tepida chegaria, O silencio do campo que aquelle fado dolente quebraria, o logar, a hora, a tradição historica de que ficam sempre impregnadas as grandes casas fidalgas dariam um arrepio aos convivas.

Jamais diante das miserias que geraram, dos attentados praticados contra as associações operarias, das conjuras forjadas com o auxilio d'Homero — agora a penitenciar-se, o miseravel! — sentiriam a amargura dos que foram as victimas dos Scevolas.

Ali faltava Homero, elle ali devia estar com Scevola dignos parceiros das desnalgadas cantoras d'esse pavilhão de Bel-Air d'uma cõrte democratica.

Diante da fachada silenciosa com as suas largas varandas, com as suas arcarias rasgadas paradas, bateriam os pés com frio os *chauffeurs* que os tinham levado. A agua continuaria a cantar na sua bacia marmorea d'um só bloco ao topo da escadaria que seria descida aos tropeções, ellas, com as saias amarrotadas, vermelhas, pensando já em no dia seguinte passarem aos rufias os *camochos* que tinham ido *esfolar* n'aquella pandega onde a politica teria andado de cambalhada com a bohemia.

Ainda diante do palacio trauteariam docemente uma copla de revista

As condessas e marquezas etc...

Ouvir-se-hia um *schiu*. Julgar-se-hia que o sr. Affonso Costa mandaria emfim calma ás raparigas excitadas ou alguem pudibundo n'aquelle caminho de Loures a horas altas ralharia.

Nunca se saberia porem, quem as mandara calar. O paiz não fõra porque a essa hora estava de barrete de dormir como os

burguezes dos suburbios de Paris enquanto Barras e os seus incriveis andavam em patuscada.

Já tilintavam guiseiras pelas cavallariças; pesados carros de bois atulhados d'hortaliças iam partir para o mercado, nas linhas as sentinellas mal sabiam o que tão perto d'ellas se passara e as raparigas todas lepidas metteriam as guitarras nas trazeiras dos carros mas não calariam de todo a toada dolente do fadinho.

Rebolonas, fraldiqueiras, sujas — diz o jornal — Diante da fachada do palacio onde a Senhora da Oliveira sorri — pobre Senhora da Paz — melhor ficaria é certo a graça das sécias descendo para as seges enquanto na sala grande soaria o ultimo trecho de Jomelli e as velas estalariam os bobeches.

Ha sonhos que parecem realidades; realidades que parecem sonhos.

O Correio Mór, pavilhão de Bel-Air, está n'este caso. Julgamos sempre que realmente isto foi apenas uma phantasia n'uma noite de febre. No entanto esse jornal assevera o inicio d'esse sonho e a imprensa tem sempre uma base para se fundar.

Assim o orgão do sr. Affonso Costa declarou que na grande manifestação de Belem se cantara em côro a *Internacional*.

E' certo com uma variante. Do alto dos jardins de Belem, tão historicos como os do Correio Mór, só ouvimos cantar a *Portuguesa*. A' volta, porem, alguns bandos d'operarios entoaram a *Internacional*.

Mas — repare o orgão — que os proletarios não podiam cantar o fadinho, Junqueira fóra, ao som das banzas, esganiçando-se a asseverar

*Ai que o amor das desgraçadas
Nás ha nenhum como o d'ellas...*

Apesar de como em Loures haver um luar delicioso o dictado não falha canta-se conforme se sente.

Quando se empenha o coração para abrir cadeias a musica não pôde ser a mesma que quando se prepara o estomago para uma borgia ás portas de Lisboa.

O JACOBINO

Romance d'actualidade

de

Rocha Martins

É posto brevemente á venda

Os **FANTOCHES** sahirão correntemente ás quintas-feiras.